

---

## **Abordagem sobre a Apropriação dos Recursos Naturais pela Atividade Turística**

Enfoque sobre la Apropiación de los Recursos Naturales por la Actividad Turística

**Daiane Alencar da Silva**

Doutoranda no Programa de Pós-Graduação em Geografia na Universidade Federal da Grande Dourados e docente do curso de Turismo na Universidade Estadual de Mato Grosso do Sul – Unidade Dourados. E-mail: daianeufgd@hotmail.com

**Veridiana Ribeiro**

Graduada em Turismo pela Universidade Estadual de Mato Grosso do Sul–Unidade Dourados. E-mail: veri\_ribeiro@hotmail.com

---

Artigo originalmente apresentado no *III Seminário Internacional de los Espacios de Frontera (III Geofronteras)*, Universidad Nacional de Itapúa (UNI), Encarnación (Paraguay), 8 a 10 de setembro de 2015.  
Disponível on-line em <http://e-revista.unioeste.br/index.php/pgeografica>

---

**Resumo-** Este artigo apresenta uma abordagem sobre a apropriação dos recursos naturais pela atividade turística, com o intuito de permitir a análise sobre as intervenções provocadas pelo turismo no espaço geográfico e, conseqüentemente, suas transformações decorrentes desse processo. Para isso, os procedimentos metodológicos utilizados na construção da pesquisa foram organizados em duas fases, sendo a primeira baseada na revisão e aprofundamento bibliográfico sobre o tema escolhido, apoiando-se em autores que estudam a dinâmica do turismo e a (re) organização espacial e, na segunda fase, utiliza-se as análises observadas pelas experiências adquiridas durante a visita técnica aos locais onde o turismo transforma o espaço geográfico e apropria-se dos recursos naturais para consolidar e dinamizar a atividade. Essas visitas técnicas foram realizadas pelos acadêmicos do curso de Bacharelado em Turismo da Universidade Estadual de Mato Grosso do Sul-Unidade Dourados, durante o ano de 2014. O enfoque dessas atividades foi propiciar análises consolidadas entre a teoria e a prática que possibilitaram um olhar diferenciado sobre as intervenções do turismo nas áreas naturais, em três localidades: no município de Corumbá/MS, no atrativo Recanto dos Caytês-Amambai/MS e no município de Bonito/MS.

**Palavras-chave:** Turismo; Mato Grosso do Sul; Recursos naturais.

**Resumen-** Este artículo presenta una aproximación sobre la apropiación de los recursos naturales para el turismo, con el fin de permitir el análisis de las intervenciones causadas por el turismo en el espacio geográfico y, en consecuencia, sus transformaciones como resultado de este proceso. Para ello, se organizaron los procedimientos metodológicos utilizados en la construcción de la investigación en dos fases, la primera basada en la revisión y profundización bibliográfica del tema elegido, apoyándose en autores que estudian la dinámica del turismo y la (re) organización espacial y en la segunda fase, se utiliza el análisis observamos las experiencias adquiridas durante la visita técnica al sitio donde el turismo transforma el espacio geográfico y se apropia de los recursos naturales para consolidar y racionalizar la actividad. Las visitas técnicas se llevaron a cabo por académicos del curso de la Licenciatura en Turismo de la Universidad del Estado de Mato Grosso do Sul –Unidad de Dourados durante el año 2014. El objetivo de estas actividades fue proporcionar análisis consolidado entre la teoría y la práctica que permitió una mirada diferente en las intervenciones de turismo en las áreas naturales en tres lugares: en la ciudad de Corumbá/MS, en el recanto Caytês-Amambai/MS y en la ciudad de Bonito/MS.

**Palabras clave:** Turismo; Mato Grosso do Sul; Recursos naturales.

## **Introdução**

A ideia inicial para produzir esse material de pesquisa surgiu das discussões sobre geografia e a atividade turística e, conseqüentemente, a apropriação dos espaços naturais pelo turismo, a partir da abordagem de pesquisa acadêmica *in loco*.

Isso se fez necessário devido às diversas formas de transformação e apropriação dos espaços organizados e consumidos pelo turismo, identificados e explorados durante as visitas técnicas realizadas pela disciplina de Planejamento e Organização do Turismo em Ambientes Naturais – POTAN, que integrava a grade curricular do curso de Turismo da Universidade Estadual de Mato Grosso do Sul-Unidade Dourados, até 2014. Essa disciplina foi extinta da grade curricular do curso de Bacharelado em Turismo, passando então a inserir-se no novo Projeto Político Pedagógico como a disciplina Planejamento e Organização do Turismo I e II, devido à retirada da ênfase “Ambientes Naturais”, a partir de 2015.

A presente pesquisa pauta-se em abordar o desenvolvimento da atividade turística e suas intervenções nos espaços naturais, utilizando como ponto de análise os locais visitados pelos acadêmicos do curso de Turismo durante as visitas técnicas da disciplina de POTAN, que contava com 16 h/a práticas.

O envolvimento da disciplina com a prática permitiu que os acadêmicos realizassem análises sobre os locais visitados, aplicando os conhecimentos adquiridos em aulas expositivas e acompanhando o desenvolvimento da prática turística com os olhares apurados para a relação existente, geografia e turismo.

Os procedimentos metodológicos para a construção da pesquisa estão organizados em duas etapas principais, sendo a primeira a revisão e aprofundamento bibliográfico sobre o tema escolhido e abordado, e a segunda etapa a utilização das análises realizadas durante as visitas técnicas nos locais onde a atividade turística transforma o espaço para usufruir dos elementos naturais, presentes e disponíveis.

Nesse contexto, para atingir o objetivo proposto, o texto segue uma cronologia que busca analisar a relação existente entre geografia e turismo, de forma concisa, através de autores que escrevem sobre a relação existente entre as duas áreas, e seguidamente, compreender o processo de intervenção do turismo no espaço geográfico, principalmente, através dos elementos naturais explorados nos atrativos visitados.

## **Desenvolvimento**

Para direcionar o diálogo, utilizam-se alguns referenciais teóricos que não podem ausentar-se da discussão, que permeiam os estudos da geografia e do turismo, em diversas relações, ora integradoras ora conflitantes.

Nesse sentido, os estudos apontam que o turismo é um fenômeno social da modernidade, se popularizou após o desenvolvimento dos meios de transporte, da tecnologia e do aumento do tempo livre posterior a revolução industrial. A atividade ganhou proporções consideráveis, devido a sua crescente representatividade econômica, no ano 2000 o fluxo mundial de turistas foi de 674 milhões, e em 2010 atingiu 940 milhões em (UNWTO, 2012). Somente no ano de 2014, a atividade movimentou R\$ 492 bilhões de reais no país, representando 9,6% do Produto Interno Bruto (PIB) nacional de acordo com matéria veiculada no Portal Brasil (BRASIL, 2015).

O turismo se caracteriza pela relação existente entre o indivíduo e a atração que o move até a localidade, sendo assim, a oferta turística é constituída por um conjunto de elementos que formam o produto turístico. Entende-se então, que um atrativo turístico para ser produto turístico, demanda de uma gama de elementos complementares e esse sistema

integrado, “reorganiza o lugar, redimensionando as esferas econômicas, políticas e socioculturais e afetando a sua organização espacial” (MESQUITA, 2015, p. 04).

Entendendo o conceito de produto turístico, pode-se afirmar que a atividade capitaliza o espaço e as relações que se dão nele, não permitindo que se atente apenas para os impactos econômicos anteriormente apontados, conforme afirmado por Paes Luchiari (2000, p.41) se “deve evitar o excessivo pessimismo sobre os impactos que o turismo provoca, mas também deve ser prudente com o exacerbado otimismo econômico”.

Nos estudos realizados pela autora Rita de Cássia Ariza da Cruz (2001), que discorre sobre a organização e apropriação dos espaços e as paisagens artificiais criadas pelo turismo, apresenta-se a condição de “turismo no espaço-espaço do turismo”, onde nota-se a preocupação com as alterações realizadas por esta atividade, ao passo que se introduz no espaço objetos definidos pela possibilidade de permitir o desenvolvimento do turismo, ao mesmo tempo em que os objetos preexistentes no espaço podem ser absorvidos e ter seu significado alterado para atender a uma nova demanda de uso turístico (CRUZ, 2001, p.12).

Refletindo sobre os espaços organizados pelo turismo, Cruz (2001, p. 21), analisa que o “espaço geográfico é o principal objeto de consumo do turismo e disso decorre uma das mais importantes especificidades da prática social do turismo: o consumidor-turista tem de se deslocar até o produto a ser consumido, o lugar turístico”.

Dessa forma, compreende-se a importância de analisar as transformações no espaço geográfico pelo e para o turismo, a partir do pressuposto de que o mesmo objeto de consumo – espaço, é o alimentado pelas transformações dos objetos e das relações que se estabelecem pela dinâmica social, como afirma Santos (1988) onde o espaço é identificado como um conjunto de formas contendo cada qual frações da sociedade em movimento, sendo resultado da ação dos homens sobre o próprio espaço, intermediados pelos objetos, naturais e artificiais.

Assim, compreende-se o interesse da geografia no estudo do turismo, devido a:

Relevância social, política, cultural e econômica que esta atividade ganhou nos últimos tempos. Além de ser um grande elemento que pode permitir o desenvolvimento econômico de regiões, o que é pertinente aos estudos geográficos, é entendido como uma necessidade social imposta pelos atuais padrões de sociabilidade, refletindo seu caráter político e cultural, tornando-o objeto de estudo importante para a geografia (SILVA, 2012, p.48).

Assim, as transformações decorrentes do consumo permitem que os efeitos sejam sentidos em três porções diferentes do espaço geográfico: os polos emissores de fluxos, os espaços de deslocamento e os núcleos receptores de turistas (CRUZ, 2001, p. 21).

No que diz respeito à apropriação dos espaços naturais pelo turismo, Cruz (2001) afirma que muitas transformações que ocorrem nessas áreas são relacionadas, em sua maioria, a acessibilidade e hospedagem, pois mesmo que se trata de um turismo “alternativo” em meio à natureza, grande parte dos turistas não está disposto a encarar estradas de difícil acesso ou mesmo, dormir em barracas e alojamentos precários, que não ofereçam estrutura turística compatível com o mercado.

Para que o potencial turístico de uma região torne-se produto turístico de fato, é necessário que ele disponibilize de uma infraestrutura turística – transporte, alojamento, alimentação, entretenimento etc. E da infraestrutura básica da cidade que inclua os serviços de saneamento básico, acesso, energia, comunicação, vias urbanas de circulação, coleta de resíduos e capacitação de recursos humanos. Além da instalação no local de alguns serviços públicos, como: transporte, serviços bancários, serviços de saúde, serviços de segurança, corpo de bombeiros, serviço de informação turística, comércio turístico etc. (IGNARRA, 2003). Com isso, esses dois fatores principais, acesso e meios de hospedagem,

são fundamentais para consolidar o ideário de turismo em áreas naturais, que se por um lado é compreensível pela lógica de mercado-consumo, por outro, condiz com práticas que impactam e deterioram cada vez mais os espaços naturais, contrapondo o ideário de “alternativo”.

Referente às paisagens artificiais criadas pelo e para o turismo, Cruz (2001) em suas pesquisas identifica uma tendência à concentração espacial dos equipamentos turísticos, criando territórios turísticos onde impõem-se barreiras concretas ou imaginárias, isolando esses territórios turísticos dos demais territórios onde se inserem.

Essas barreiras são, essencialmente, ideológicas e visam, entre outros objetivos, manter o turista dentro dos “espaços de fantasia” criados por agressivas (e falsas) campanhas de *marketing*. Hotéis *resort*, do tipo “Ilha da fantasia”, são a manifestação mais radical da criação de espaços turísticos completamente desvinculados da realidade local. (CRUZ, 2001, p. 99).

No entendimento de Cruz (2001), e corroborando com Carlos (1999) encontra-se a relação entre paisagens artificiais como “copiadas e coladas” pelo turismo nos territórios, pois explica que “as paisagens artificiais não tem história no lugar. Elas são destituídas do sentido de lugar e de territorialidade (...)”. (CRUZ, 2001, p.111).

Nesse ínterim, Carlos (1999), expressa sua opinião sobre a artificialidade presente na atividade turística, ao afirmar que:

(...) a indústria do turismo transforma tudo o que toca em artificial, cria um mundo fictício e mistificado de lazer, ilusório, onde o espaço se transforma em cenário para o “espetáculo” para uma multidão amorfa mediante a criação de uma série de atividades que conduzem a passividade, produzindo apenas a ilusão da evasão e, desse modo, o real é metamorfoseado, transfigurado, para seduzir e fascinar (CARLOS, 1999, p. 01).

É possível verificar que mantém-se uma postura crítica em relação a maneira como o turismo cria e recria os espaços, criando a ilusão de “falsa verdade” dos locais e atrativos turísticos, abordando em sua análise, principalmente, os *resorts* e seus espetáculos.

A discussão sobre *resorts* é muito mais ampla, e apesar de não ser objetivo dessa pesquisa adentrar tal discussão, a mesma pode ser apreendida em um dos estudos da autora Ana Fani A. Carlos (1999), que discute a artificialização dos lugares e dos serviços turísticos, criticando a forma como os espaços são apropriados e criados: “a característica do espaço produzido é a do homogêneo, altamente excludente, com ausência de identidade” (CARLOS, 1999, p. 5).

Devido à artificialidade presente nos locais turísticos é que muitos consumidores-turistas tem buscado em locais “alternativos” a superação da ideia de “falsa realidade”, e a natureza tem sido um fator determinante nessa escolha de mudança de hábitos turísticos.

Alguns autores apontam que há uma crise de paradigma na sociedade, e que as pessoas têm buscado exemplos de culturas que se mantêm com valores, tradições e identidades pretéritos. Os turistas anseiam por saber como vive esse “outro”, diferente daquilo que se conjuga como o “eu” numa crise de paradigma, e buscam por um paraíso perdido com o desmoronamento da ética e a perda de referenciais.

Tal paraíso está ideologicamente identificado com aquilo que é representado pelo natural, o ambiental, a primeira natureza ou natureza selvagem, perdida há muito tempo com a dominação do homem sobre o ambiente natural.

O reencantamento pela natureza surge como a promessa de turismo “alternativo”, identificado pela reaproximação do ser humano ao seu hábitat natural, através dos recursos naturais fragmentados e isolados em atrativos turísticos.

O turismo em áreas naturais cresceu expressivamente na década de 1990, quando assumiu uma importância no conjunto dos segmentos das viagens turísticas. Essa prática, conhecida como “alternativa”, que mantém diversas denominações, como Ecoturismo, Turismo Ecológico e Turismo de Natureza, têm nos recursos naturais seu principal objeto de consumo (CRUZ, 2001).

Para Magalhães (2002, p. 75), “esses espaços naturais não foram produzidos pela atividade turística e nem em função dela, mas são locais de grande incidência de recursos naturais, que têm sido intensamente explorados e reorganizados por ela”.

Outros segmentos do turismo, como turismo de massa, necessitam de infraestruturas urbanas para permitir a expansão e exploração da atividade, diferentemente do que ocorre com o turismo em áreas naturais, onde a principal fonte de “desejo” dos turistas que usufruem desse segmento está relacionada aos recursos naturais, como rios, cachoeiras, florestas, contemplação de animais silvestres, etc. Porém, isso não representa menos agressão ao meio, pois “para possibilitar o aumento de permanência e do número de visitantes, agregam às paisagens primitivas uma gama de serviços e equipamentos de apoio, que se tornam, na maioria das vezes, uma intrusão virtual” (MAGALHÃES, 2002, p. 75).

A crescente demanda por turismo em áreas naturais se dá principalmente, devido os apelos sociais e ambientais que ocorreram após a Conferência das Nações Unidas sobre o Meio Ambiente Humano, realizada em Estocolmo em junho de 1972. Essa conferência revelou-se uma oportunidade para que as nações reexaminassem, mais uma vez a qualidade da vida, e a utilização dos recursos naturais disponíveis no globo terrestre e a partir dessa reunião, as nações tomassem providencias cabíveis para o desenvolvimento econômico e o equilíbrio ambiental.

Segundo Passos (2009), desde a década de 1960 já era evidente que a crise ambiental se agravava ao longo das décadas, em função de uma série de desastres e desequilíbrios ambientais. Com isso, essa temática passou a constituir fator de maior preocupação dos Estados e da comunidade científica, levando-os a repensar novas estratégias para o trato desta problemática de ordem mundial.

Para essa autora, mesmo depois das diversas conferências realizadas ao longo da história, a sociedade ainda enfrenta graves problemas ambientais e socioeconômicos, decorrentes do modelo de vida e consumo adotado.

É inegável, ainda, que se vive uma intensa crise ambiental, decorrente do modelo de desenvolvimento adotado pela sociedade contemporânea, mais especificamente após a Revolução Industrial, bem como da concepção de progresso que hoje prevalece, segundo a qual o homem deve dominar a natureza, o que acarreta uma exploração incontrolada dos recursos naturais, aliada ao crescimento acelerado dos centros urbanos e às formas de gestão econômica das sociedades (PASSOS, 2009, p. 3-4).

Nesse sentido, as atividades econômicas dos países participantes das conferências deveriam seguir as regulações estipuladas nas reuniões, que se configuravam como metas a serem atingidas. E dentre essas regulações, manter a harmonia entre o desenvolvimento econômico e o meio ambiente, era o principal norteador.

A mídia teve importante participação na disseminação de certo senso comum sobre a necessidade de recuperar e proteger os ecossistemas naturais, nas palavras de Cruz (2001, p. 18), “é nesta atmosfera de resgate da natureza que se gesta o modismo em torno

de tudo o que diz respeito a ambientes naturais. É nesse período que crescem, também, em importância, as práticas de ecoturismo”.

Assim, o turismo, enquanto atividade econômica e social deveria manter o equilíbrio solicitado, buscando “alternativas” ao modelo configurado como Turismo de Massa – amplamente difundido e explorado no mundo –, e assim, expandir as atividades vinculadas ao turismo em áreas naturais.

Tais atividades despertam o interesse de um nicho diferenciado da sociedade, que buscam segmentos pouco convencionais e que representam um “despertar” mediante as propostas já consolidadas. Mas esse mesmo nicho divide-se entre aqueles que estão realmente despertados para um modelo de turismo menos excludente e mais preocupados com as questões socioambientais e, outro grupo, que se dispõem a participar pelo modismo e status que a prática desse segmento pode gerar.

De acordo com Rodrigues (1998, p. 08) “Cantada em prosa e verso a “natureza” está sendo destruída” por um conjunto de problemas, conhecidos como “a questão ambiental” que insere novamente em destaque as contradições da produção social do espaço e das formas de apropriação da natureza. Essa situação,

Corresponde à produção destrutiva que se caracteriza pelo incessante uso de recursos naturais sem possibilidade de reposição. Os recursos da natureza- não renováveis- uma vez utilizados não podem ser reutilizados e assim os ciclos da natureza e da apropriação da mesma pela sociedade são necessariamente problemáticos (RODRIGUES, 1998, p. 8).

Ou seja, a sociedade viu emergir uma questão ambiental, ou problemática ambiental, que gerou como consequências diretrizes baseadas em cálculos econômicos e que, estão diretamente ligados ao sistema econômico-financeiro mundial, para “solucionar” o problema. E dentro dessas orientações, consta que deve haver o equilíbrio ambiental nas atividades desenvolvidas pelas nações, sendo a que nos interessa nesse artigo, o turismo em áreas naturais. Porém, utilizar o turismo seguido pelo “alternativo” pode indicar um risco de simplificar uma análise muito mais complexa.

Assim, as visitas técnicas foram direcionadas para que os acadêmicos pudessem identificar, dentro do discurso implantado de “alternativo”, aquilo que realmente a atividade turística tem proporcionado aos espaços naturais dos quais se apropria.

Levando em consideração a abordagem sobre a apropriação do turismo em áreas naturais, serão relatadas a seguir as experiências e vivências adquiridas através das visitas técnicas realizadas pelos acadêmicos do curso de turismo da Universidade Estadual de Mato Grosso do Sul - Unidade Dourados, no ano letivo de 2014.

O Projeto Político Pedagógico estipula algumas disciplinas com carga horária prática, que os docentes devem utilizar como meio de permitir as experiências externas à sala de aula.

Dessa forma, os relatos apresentados referem-se as visitas realizadas no município de Corumbá/MS, Bonito/MS e o atrativo Recanto dos Caytês-Amambai/MS, na faixa de fronteira entre Brasil e Paraguai.

A Viagem Técnica realizada ao município de Corumbá/MS ocorreu em agosto de 2014 e contou com a participação dos acadêmicos do 2º ano do curso de turismo. Nesse momento, estes puderam conhecer o bioma Pantanal e as características históricas, culturais e naturais da cidade de Corumbá.

Devido a relevante importância dos aspectos arquitetônicos presentes na estrutura urbana de Corumbá, especialmente na região do Casario do Porto, foi possível analisar a transformação ocorrida no espaço geográfico e as influências dessas transformações no cotidiano da população residente no local e dos turistas que visitam a cidade.

Mas o principal objetivo de quem busca Corumbá são as áreas naturais, com as características típicas do pantanal, entre eles, o rio Paraguai e as áreas de fauna e flora abundantes na região. Para permitir a análise proposta, definiram-se duas atividades relevantes de discussão: passeio de chalana pelo rio Paraguai e Day Use no atrativo Passo do Lontra.

O passeio de chalana pelo rio Paraguai traz interessantes aspectos históricos e culturais que foram transformados pela história social, mediante as intervenções econômicas e sociais no ambiente.

Historicamente, os meios de transporte utilizados com maior intensidade em Corumbá eram as embarcações, que navegavam pelo rio Paraguai, como meio de acesso rápido e fácil. Foi justamente essa dinâmica que promoveu o desenvolvimento econômico de Corumbá. Com o passar do tempo, as embarcações que serviam para o deslocamento de mercadorias e pessoas perdeu a importância, devido ao investimento nas ferrovias, principalmente, a Ferrovia Noroeste do Brasil, que dinamizou a economia e o transporte, ligando Corumbá, por terra, aos principais centros comerciais do país em menos tempo.

A atividade turística ressignifica os meios de transporte, como a chalana, pois, “a perpetuação de costumes, crenças, expressões artísticas, edificações, tornam-se, cada vez mais, um patrimônio valioso para a exploração turística”, conforme aponta Magalhães (2002). São essas características transformadas pelo tempo e as “marcas inscritas na paisagem demonstram como se organizavam as comunidades no passado, o que suscita a curiosidade das gerações presentes” (MAGALHÃES, 2002, p. 69).

Então, o valioso patrimônio, caracterizado em Corumbá, pelos prédios e casarios históricos, instigam e promovem o turismo histórico e cultural, dinamizando a região, que até pouco tempo mantinha como atrativos turísticos principais o turismo de natureza e pesca e o de compras na Bolívia (país limítrofe com o Brasil, em fronteira seca com Corumbá/MS).

No que diz respeito ao atrativo Passo do Lontra, durante o Day Use (prática em que o visitante usufrui de grande parte das atividades e estruturas do atrativo, no período de um dia) observou-se a natureza enquanto atrativo principal e motivador da presença do turista no pantanal. Os elementos naturais estimulam o reencantamento e o retorno à natureza, ainda que por um único dia. Sobre isso, Paes Luchiari (2001) explica como ocorre a mitificação dos lugares por onde o turismo tem-se expandido.

A outra expressão da atividade turística que tem se expandido com a mitificação dos lugares é o turismo em áreas verdes, serranas, planícies, vales, ou litorais – não importa. O atrativo central é a qualidade de vida que as áreas naturais preservadas podem propiciar. [...] ao revalorizarem a natureza para o lazer, para o turismo ou para implantarem as suas segundas residências, as elites sociais têm tomado para si o papel de guardiãs da natureza, ou das áreas de proteção ambiental (PAES LUCHIARI, 2001, p.22).

Nesse contexto, a utilização dos recursos naturais como atrativo turístico tem permitido que o turismo aproprie-se, não somente do espaço, mas em essência, de seus objetos naturais e de suas relações (pesca esportiva; contemplação de animais selvagens através de safáris e focagens; observação de passar etc.).

A visita técnica realizada ao atrativo Recanto dos Caytés, localizado no município de Amambai, na faixa de fronteira entre Brasil e Paraguai, em outubro de 2014, permitiu aos acadêmicos a exploração do atrativo, aberto ao público, mediante pagamento de ingresso, que utiliza os recursos naturais presentes no local como atrativo turístico.

O Recanto dos Caytés possui piscinas e áreas de banhos alimentadas pelo córrego que passa no local. Além disso, o atrativo oferece o passeio em uma trilha ecológica autoguiada, com estrutura precária de acessibilidade e sinalização.

O ponto principal de análise desse atrativo diz respeito à utilização do córrego que abastece as piscinas locais, os tanques para pesque-pague e toda demanda hídrica do empreendimento, compreendida por banheiros, restaurante, duchas, pias, quiosques.

Em seu *website*, o slogan “Recanto dos Caytês, seu lugar de Lazer em Harmonia com a Natureza”, nos traz a compreensão que o local foi planejado para fornecer a sensação de contato com a natureza, esse retorno bucólico do homem urbano a natureza e a ruralidade são esteticamente ordenados e artificializados na decoração e estrutura do local.

Os recursos naturais são coadjuvantes em todo território, pois os elementos naturais estão controlados, os visitantes fazem uso dos quiosques, das piscinas, do campo de futebol, convivendo com o rio como plano de fundo para o cenário da diversão em família.

Em concordância, Paes Luchiari (2000, p.3) pontua que “esta nova forma de eleger e reconstruir os lugares atrativos participa da apropriação de territórios que se descolam do lugar para transformarem-se em símbolos do consumo e focos de atração social”.

O recurso natural “córrego” torna-se um produto a ser consumido pelo visitante, mas nesse caso, não como recurso principal, e sim como coadjuvante, perante os demais serviços oferecidos pelo local.

A Viagem Técnica ao município de Bonito/ MS foi realizada em novembro de 2014, com os acadêmicos do 1º ano do curso de turismo. Durante a visita, foi possível analisar a importância dos recursos naturais que consolidam a prática do ecoturismo no estado de Mato Grosso do Sul, que juntamente com o Pantanal, são os destinos mais procurados quando se fala em exuberância da fauna e flora.

O município de Bonito é conhecido como um dos melhores destinos de ecoturismo do mundo, já tendo ganhado prêmio de reconhecimento dessa prática turística. Com o aumento do fluxo de turistas, desde a década de 1990, a organização do *trade* turístico e do Poder Público estabeleceu através do *voucher* um controle de visitação que protege os atrativos do uso degradante e desenfreado que a atividade provoca. Pode-se entender essa atitude como algo positivo, contudo, outros impactos são observados no município.

O ordenamento territorial urbano privilegiou o atendimento da demanda turística, de modo que o centro da cidade concentra serviços como restaurantes, lojas de *souvenirs*, equipamentos de lazer e apoio ao usuário turista, como agências de viagens e meios de hospedagens. Segundo Cruz (2001, p. 25), “o turismo impõe sua lógica de organização dos espaços”, podendo ser observado o distanciamento e a segregação dos moradores, em decorrência da menor capacidade econômica destes.

Desta forma, por meio das políticas e do planejamento da atividade, direcionando os equipamentos urbanos já construídos e aqueles a construir, em função de uma urbanização turística do lugar, o município de Bonito fez com que parte do seu território, símbolo de construção de identidades, e das pessoas que vivenciam seu cotidiano na localidade passasse a se constituir como um ambiente onde os padrões de interação e consumo transcorrem apenas com os visitantes, tornando os visitados, um público externo à estrutura existente.

### **Considerações Finais**

O que pode apreender-se dos apontamentos apresentados nesse artigo, é que a atividade turística apropria-se dos recursos e das áreas naturais, impingindo-as com caráter de produto a ser consumido pelo mercado turístico. Cria-se e recria-se sensações (reencantamento e retorno a natureza), os ambientes (falsa realidade de estar em contato com a natureza), os produtos e serviços (chalanas e Day Use como essencial para permitir ao turista a sensação de bem estar).

Mediante esse contexto, os exemplos destacados no decorrer do trabalho, buscam analisar como se dá a apropriação capitalista do espaço e dos recursos naturais, em diferentes localidades e com diferentes atrativos turísticos, demonstrando a dinâmica e a inter-relação entre os estudos da geografia e do turismo, através das possibilidades de diálogos e interação no espaço.

## Referências

BRASIL. Turismo movimentou R\$ 492 bilhões no Brasil em 2014. Disponível em <<http://www.brasil.gov.br/turismo/2015/03/turismo-movimentou-r-492-bilhoes-no-brasil-em-2014>>. Acesso em Jul. 2015.

CARLOS, A.F.A. O turismo e a produção do não-lugar. In: YÁZIGI, E.; CARLOS, A. F. A.; CRUZ, R. C. A. (Orgs.). **Turismo: espaço, paisagem e cultura**. São Paulo: Hucitec, 1999.

CRUZ, R. de C.A. da. **Introdução à geografia do turismo**. São Paulo: Roca, 2001.

CRUZ, R. de C.A. da. As paisagens artificiais criadas pelo turismo. In: YÁZIGI, Eduardo (Org.). **Turismo e Paisagem**. São Paulo: Contexto, 2002.

IGNARRA, L.R. **Fundamentos do turismo**. 2ª ed. São Paulo: Pioneira Thomson Learning, 2003.

MAGALHÃES, C.F. **Diretrizes para o turismo sustentável em municípios**. São Paulo: Roca, 2002.

MESQUITA, É. Um olhar Sócio Geográfico Sobre o Turismo. In: VII Encontro Nacional da ANPAS – Associação Nacional de Pós Graduação e Pesquisa em Meio Ambiente e Sociedade. Brasília 07-20 de maio de 2015. Disponível em: <<[http://www.anppas.org.br/encontro\\_anual/encontro2/GT/GT15/erika\\_mesquita.pdf](http://www.anppas.org.br/encontro_anual/encontro2/GT/GT15/erika_mesquita.pdf)>>. Acesso em Jul. 2015.

PAES LUCHIARI, M.T.D. **O lugar no mundo contemporâneo – turismo e urbanização em Ubatuba/SP**. Campinas/ SP: IFCH/ UNICAMP, 2001.

PAES LUCHIARI, M.T.D. Turismo e Meio Ambiente na Mitificação dos Lugares. **Revista Turismo em Análise**, São Paulo, J J (J): 35-43, maio de 2000. Disponível em <<<http://www.revistas.usp.br/rta/article/viewFile/63507/66250>>>. Acesso em Jul. 2015.

PASSOS, P.N.C. de. A Conferência de Estocolmo como ponto de partida para a proteção internacional do meio ambiente. **Revista Direitos Fundamentais e Democracia**. Vol. 6. Curitiba/ PR: UniBrasil, 2009.

RODRIGUES, A.M. **Produção e consumo do e no espaço: problemática ambiental urbana**. São Paulo: Hucitec, 1998.

SANTOS, M. **Metamorfoses do espaço habitado, fundamentos teórico e metodológico da geografia**. São Paulo: Hucitec, 1988.

SILVA, C.H.C. da. O Turismo e a Produção do Espaço: Perfil Geográfico de uma Prática Socioespacial. **Geografia Ensino & Pesquisa**, vol. 16, n. 2, maio/ ago. 2012.

UNWTO. World Tourism Organization. Tourism Highlights. 2012. p 04. Disponível em <<http://mkt.unwto.org/sites/all/files/docpdf/unwtohighlights12enhr.pdf>>. Acesso em Jul. 2015.